

NEVOAS DA MADRUGADA



34.3-1Azevedc

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

João Manoel de Souza Conde de
Foz de Iguaçu com o preito de sincera
homagem e peitor de eterno
reconhecimento, oferece o autor
este seu pobre livro de estreia.

NÉVOAS DA MADRUGADA

Muito afetuosamente.

Guimarães 8-XII-924

11

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through.

Arnaldo Bezerra d'Azevedo

NÉVOAS DA MADRUGADA

C. M. B.
BIBLIOTECA



Barcelhona
Perm.

1924
Companhia Editora do Minho
BARCELOS

DO AUCTOR:

Em preparação:

Castelos de Fumo
Rosário de Amor

À laia de Prefácio...

De tal modo se tem abusado nestes tempos, do qualificativo de «Poeta», que já se escrupuliza aplicá-lo a quem de direito. Tôda a gente faz versos. Os mostruários dos livreiros estão sofrendo uma contínua e desgraçada invasão. E' uma onda que avança de contínuo e que de contínuo se desfaz, mal deixando vestígios. O Público, o grande Artista do instinto, assiste indiferente a êste cirandar de falsos sacerdotes que prostituem o Sentimento e a Arte.

E' assim que os Iniciados, os que vêm marcados pelo dedo de Deus para um sonho mais alto, hesitam agoniados ao entrar da Feira. Foi aí que eu surpreendi um dia Arnaldo Bezerra d'Azevedo, olhos doidinhos de ideal, a voz num grande trémulo de comoção.

Modesto e tímido, de rastos aos pés da Estátua maravilhosa que Deus mostrara à sua alma, ansiava revelá-la a quem quer que fôsse; ficava-se porém insatisfeito — insatisfeito de si e do mundo... Onde a palavra que se ajustasse à sua ideia? Aonde o verso divino que a corporizasse?

E deu-se a cantar baixinho, a mêdo, como que a falar com Deus, o Sonho de sua alma. Isolou-se a dentro do seu Castelo, viveu à parte o seu Poema estranho. O coração mandava...

*
* *
*

¿Versos hesitantes ainda, procurando-se em nova e ainda misteriosa atitude? Certo: hesitantes ainda. Atravessa êsse angustioso período em que sabendo-nos chamados ao Banquete, estacamos à entrada, suspensos, buscando o lugar que o Anfitrião nos destinou, mas que se esqueceu de assinalar. O Poeta procura, ansiosamente, o Artista; mas êste anuncia-se já louvar a Deus. Arnaldo Bezerra deve esperá-lo noite e dia, sem deixar que a alâmpada da sua Fé e do seu Estudo esmoreça.

Não lhe falta grande cabedal de Emoção,— que é a matéria prima, o mármore; nem lhe min-gua a facilidade na inspiração escorrente e fluida e quási ingénua. Aqui e além aparece-nos um verso

denunciando os passos distantes mas seguros do Artista. O mármore afeiçoa-se, já se lhe adivinham por vezes estremecimentos de Forma. A madrugada da sua Arte aparece-nos ainda entre névoas, mas o Poeta ansiosamente espera o romper do sol; e a alma errante do seu Sonho, essa Princesa Indecisa, fixar-se-á em linhas imortais. Não se impaciente. O Fiat é apanágio de Deus; mas—veja lá!—O próprio Deus só por um milagre transgride as leis da natureza que criou.

A evolução é uma dessas leis. O Artista não é aquele que possui o cinzel e o escopro, mas o que sabe manejá-los. Todo o mármore ao vir da Terra é massa informe.

Arnaldo Bezerra possui o mármore, o cinzel e o escopro. Que lhe falta? O jeito de criar...

*

*

*

Versos aqui e além,—verdadeiros versos. Á mercê ainda de influências estranhas? Já o disse-

mos: na cegueira e devoção do seu Sentimento, Arnaldo Bezerra não se encontrou ainda. A borboleta inquieta não se fixou na «flor frutífera» de que nos fala o Poeta: vai à toa, tonta de outros perfumes e de outras côres. Fixar-se-á. A Emoção chegada a esta altura, já espírito, criar-se-á um corpo. Aproxima-se para Arnaldo Bezerra o grande e sublime momento; é mister que o encontre de mãos postas e de joelhos.

Está a chegar a hora!

E como a anunciá-la, aí vai a alvorada do seu primeiro livro.

Braga, IV-924.

Teixeira Pinto.

Duas Palavras

Como Teixeira Pinto, meu illustre amigo e Poeta distinto, me houvesse obsequiado com algumas palavras de apreciação a êste livro, era um dever meu ressalvar-lhe a integridade das suas considerações e a correcta maneira do seu proceder, com estas duas palavras à guisa de rectificação. Deixar de o fazer, representaria pelo menos um pecado de deslealdade que implicava para mim uma expiação e um remorso.

Relendo o «Névoas da Madrugada» meses depois de o entregar à escrupulosa análise do burilador insigne do «Sombra do Céu», achei-o tam pobrezinho de colorido e tam acanhado de emoção que me pareceu necessáριο modificá-lo, sem contudo me afastar muito do rumo que pretendia dar-lhe.

Eis o que tentei fazer.

Algumas poesias foram substituídas, outras, levemente retocadas e a maior parte, quási inteiramente refundidas.

Cuido que não errei, decidindo por êste pleito, que obedeceu às instantes solicitações do meu espírito. E quem busca a Perfeição e se esforça em

consegui-la, ou seja no domínio da Moral ou no da Arte, não deve constituir alvo de censura, por isso mesmo que a Virtude e a Beleza, pairam muito além do egoísmo desvairado dos traficantes, e da ambição desmedida dos que sublinham a honestidade e a honra com atributos vãos de hipocrisia e de mentira.

Não consegui atingir o Ideal que me seduz?

Nem é tam grande a minha vaidade. Estou longe dêle, muito longe ainda.

Mas se a luta dá fôrça para nova luta, e se no ardor do combate se ganha o esforço da vitória, avante!

Sinto-me ainda no pórtico do grande Templo, escalonando a mêdo os primeiros degraus que levam ao Santuário.

Ao redor dos meus olhos, sôfregos de Beleza e de Graça, volatizam-se já as primeiras névoas que ofuscavam a luz. Aqui e lá fora, diviso, penumbreada e esbatida, a linha tortuosa das serras dormentes, uma paisagem confusa, paramentada na cambraia fina das névoas flutuantes!

*Ainda não é pura a luz do meu caminho
onde se diluem, ténues e leitosas, as brumas da
madrugada.*

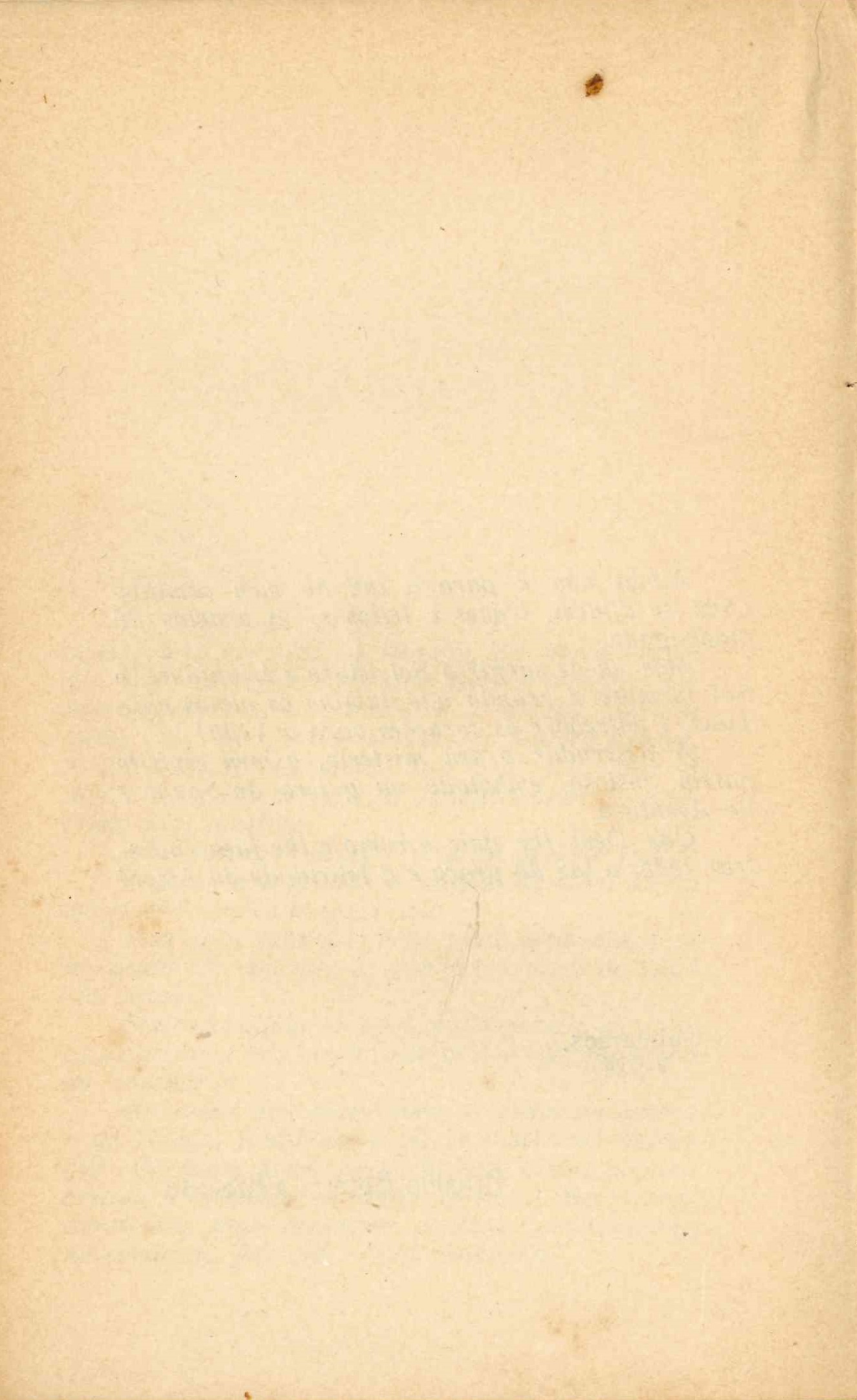
*Mas há-de surgir o Sol, claro e triunfante, o
Sol formoso e brando que ilumina as almas para
Deus, e entreabre os corações para a Vida!*

*A desvendar o seu mistério, o meu espírito
partiu ansioso, embalado na galera do Sonho e
da Aventura.*

*Que Deus lhe guie o rumo e lhe faça encon-
trar cedo, a luz da graça e a felicidade do Amor!*

Guimarães,
V-924.

Arnaldo Bezerra d'Azevedo.



Dedicatória:

Aos grandes, aos dedicados amigos da minha querida Terra de Barcelos, que, generosa e desinteressadamente contribuíram para que a publicação dêste livro se realizasse, com o preito de mui fervorosa homenagem, o testemunho de gratidão eterna.

Declaratoria

As honras dos nobres
dos amigos do nobre
da Terra de Jaraguá
poucos e de honras
entre os nobres
que a nobreza de Jaraguá
se reconhece com o nobre
de nobre honra
poucos e de honras
entre os nobres

M. B.

A Ti, ó suave Esp'rança, a Ti que és meu Destino
neste oceano de fel, de lágrimas e Dor!
A Ti, erguido em prece, o canto matutino
da alma que busca Deus, no Mar, na Luz, na Flor!

INTRÓITO

Há sombras indistintas, magoadas,
na luz balbuciante dos caminhos.
Cantam, ainda a medo, os passarinhos,
por entre a névoa azul das madrugadas...

E a lenta voz do sino em badaladas
acorda para a serra os pastorinhos.
Lá vão êles, na sombra dos maninhos,
tangendo as rudes flautas namoradas.

Vão dispersando as brumas. Em redor
as coisas tomam vulto, forma e côr,
na luz que vem rompendo em vivo afan.

Assim a Arte pura, antes que o seja,
é névoa que perturba, por inveja,
a luz triunfadora da Manhã!

A MEUS PAIS

A Vós também, meus Pais, que pela vida obscura
me fostes luz, carinho, amparo e protecção,
a Vós que pela senda estranha da aventura
me fizestes seguir, firmado à vossa mão!—

A Vós, queridos Pais, em quem o Amor perdura
em que palpita fiel um nobre coração!

A Vós também um verso, um canto de ternura,
onde se implante a fé da minha gratidão.

Lendo êste livro meu, tam pequenino e leve,
o pranto há-de brotar numa alegria intensa
entre um sorriso doce, angélico, sem par!

E logo Vossa mão se estenda, côr de neve,
a abençoar-me a vida e a amparar-me a crença
por entre os vendavais e a escuridão do Mar!

Guimarães, Maio 1924.

CAMINHOS . . .

Ao Ex.^{mo} Senhor Conde de Azevedo.

Caminhos da minha aldeia,
caminhos da serra ao val',
não os há, na minha ideia,
mais lindos em Portugal!

Caminhos de sombra amena,
doces caminhos sem par!
Quando lá passo, me acena
cada folhinha a brincar.

O perfume das balseiras,
manhã cedo abrindo em flor,
lembra-me as rezas primeiras,
que escutei ao meu amôr!

Madressilvas encantadas,
que além surgem nos caminhos,
são risos de madrugadas,
ou asas de passarinhos...

— Uns sobem do vale à serra,
outros vêm da serra ao val.
Caminhos da minha Terra
não têm no mundo rival.

Ei-los vão... E' noite ainda,
no mistério da amargura...
Cada azinhaga é mais linda,
do sonho que anda na Altura!

Ainda as estrélas despertadas
correm no céu a bailar,
já elles, horas incertas,
começam a caminhar.

Mal que rompe na montanha
a luz da alvorada, enfim,
ao clarão doce que a banha,
numa luz côr de marfim,

os caminhos, sonho etéreo,
bordados a fina renda,
são caminhos de mistério,
que não há quem os entenda!...

Luz do sol doira-lhe as sombras,
de uma côr de irreabilidade...
Verde das suas alfombras,
já não é verde, é saudade.

Caminhos da minha aldeia
caminhos de sombra e flores.
Vai neles, em alcateia,
o bando dos cavadores.

Passam rindo as lavradeiras,
lindos ranchos, par a par.
São as abelhas obreiras;
vêm das colmeias a voar!...

— Meio dia... O sino ao longe
vai tangendo: Avè-Marias.
E o eco, voz de algum monge,
leva-as nas asas esguias!...

Caminhos da minha aldeia,
benditos sejam rezando:
terna e suave melopeia,
que se ouve de quando em quando!

Na sesta de horas calmosas,
meigas sombras dos caminhos
dão frescura às mariposas,
dão alivio aos passarinhos.

E o trabalhador exausto,
abrasado no calor,
deu-se à terra em holocausto,
regou-a com sangue e suor;
mas os caminhos, na sombra,
deram-lhe alento e frescor.

— Pôs-se o sol entre os pinheiros...
Êxtase de sonho e de luz!
Vêm do monte os pegureiros,
voam perfumes a flux!

Pombas mansas, andorinhas
já procuram os pombais...
Andam no ar, entre as vinhas,
risos de almas virginais.

— E os sinos da torre ao longe.
vão tangendo, devagar,
E o eco, voz de algum monge,
bate as serras a cantar...

Caminhos da minha aldeia,
sob a penumbra rezando,
vestem brilhos de epopeia,
que as sombras vão apagando.

— A noite alaga as colinas
de treva densa e profunda;
e logo, pelas esquinas,
ronda em marcha vagabunda

a coorte dos aflitos,
dos fantasmas nocturnais:
parece que se ouvem gritos
parece que se ouvem ais!

Mas logo vem donairosa,
resplendente e virginal,
a lua, fúlgida rosa,
do jardim celestial.

E as sombras espavoridas,
fogem por entre as searas,
atropelam-se, vencidas
por outras sombras mais claras.

Caminhos da minha Terra,
na luz morna do luar,
caminhos do vale à serra,
são formosos, não tem par!

Parecem feitos de espuma
das ondas negras do Mar!...

Caminhos da minha aldeia,
dia e noite, em serra ou val',
não os há, na minha ideia,
mais lindos em Portugal!

Roriz, Maio de 1924.

DESILUDIDA

Ao meu ilustre
camarada A. Teixeira Pinto.

Vejo-a passar aqui pela tardinha,
com as pombas que voltam ao pombal.
É alta, melancólica, magrinha...
Lembra uma fria estátua sepulcral.

Perdida! Os lábios murcham. Linha a linha,
vai-se-lhe todo o encanto celestial.
Amortece-lhe a voz, tosse, definha...
—Um vime que esbraceja ao temporal!—

Quando passa por mim, silenciosa,
—tam linda que ela foi!—a Dolorosa
ergue os seus olhos negros... quer-me ver!

Mas logo os baixa à terra, ansiosamente,
Como quem adivinha, ou quem pressente,
uma vida melhor... quando morrer!—

Guimarães, 1923.

SAUDADE

A M. B.

Saudade! Quem nunca sentiu a Saudade,
 não tem coração!
Não tem sentimento, nem tem lealdade;
 tem, sim, egoísmo,
 tem vã presunção!

Saudade! ¿Quem diz o que seja o mistério
 de ver e não ver?
¿Suspiro que voa de algum cemitério,
 e vive e renasce,
 e volta a morrer?

Saudade! Saudade! Saudade bendita!
 Tristeza a cantar!...
Olhos de uma virgem que reza e os fita
 nas ondas nevoentas
 que sobem do Mar!

Saudade! E' uma estrêla radiosa e fulgente
 vagueando no Céu.
Uma asa de sonho doirada e fremente
 dofrando o escarcéu!...

NÉVOAS DA NADRUGADA

E' lume de aurora que acende a montanha,
em luz virginal,
lá longe, na Terra de à beira de Espanha,
onde é Portugal!

Saudade—é um sorriso que imerge nas águas
à luz do sol-pôsto...
Ou fonte mirrada, sequinha de mágoas
nas calmas de Agôsto.

Saudade—é uma fada tam moça e menina,
formosa sem par!
Cabelos doirados, a fronte divina,
os olhos celestes,
e as mãos de luar.

Saudade—é uma aurora que surge na estrada
do meu coração.
E' luz de sol-poente, clarão de alvorada,
que brilha e se apaga,
num mar de paixão.

Saudade—és tu, virgem! Visão do encanto
na paz do meu lar!
Saudade é a alegria vestida de pranto,
nas noites tranqüilas
de brando luar!

Saudade! Nas brumas da tarde magoada,
em sonhos te vejo,
bordando com linhas de fina meada,
à porta da Esp'rança.
teu casto desejo!

Desejo de ver-me?! Quem sabe, formosa,
Se agora me esqueces!
Talvez nem te lembres da tarde saudosa
em que ambos desfiamos
rosários de preces!

Talvez! Não importa. Só quero lembrar-te
nesta soledade.
Só quero, meu anjo de amor, adorar-te
no altar doloroso
da minha Saudade!

• • • • •

Saudade! Saudade! Que dor me atormenta
sem dó nem perdão!
Não sei o que é isto, que acorda e adormenta,
as mágoas profundas
do meu coração.

¿ Sabeis vós dizer-me, ó poetas vèlhinhos,
se é canto ou suspiro, se é pranto ou se é dor?
¿ Se é vaga lembrança de andados caminhos,
por onde corremos, às tardes, sòzinhos,
como aves errantes, em busca do Amor?

... Saudade é o que fica da vida distante —
um livro de fôlhas dispersas além...
Saudade é o que vimos passar adiante;
que chama por nós, de onde está, suplicante,
com voz carinhosa, de noiva ou de mãe!

Barcelos, Agôsto de 1922.

OS SINOS

Ao grande poeta
Antonio Correia d'Oliveira

Ei-los na madrugada tilintando:
dulcíssimas toadas. Que magia!
Acorda o povo em tôda a freguesia,
e as pombas voam dos pombais, em bando.

Horas de calma. Um vento sêco e brando
agita as frondes. Brasas! Luz! Meio-dia!
Rasgando as névoas, sons da Avé-Maria,
que a gente humilde, em câro, vai rezando.

—Luz do sol-pôsto... Rezam as montanhas!
Selvas florentes, de árvores tamanhas,
erguem-se extáticas no azul dos céus.

Voltam as pombas. Longe e longe, os sinos
cantam, na voz singela dos campinos
a prece derradeira à Mãe de Deus!

Guimarães, 1923.

AO MAR

Ao Rev. Manuel Rodrigues Miranda.

Diante de ti, ó Mar tempestuoso,
sinto-me bem, que é irmão do meu teu fado.
Se choro, também choras consolado;
se ris, ao pé de ti sou venturoso.

Tu sofres, bem o sei. Que doloroso
êsse tormento, ó Mar desventurado!
Mas eu sofro também, e, braço dado,
o sofrimento nosso, é quasi um gôzo!

Com tua dor consolas-me a tristeza.
E as mágoas que te pungem, não me pesa,
ungir-tas com o fel do meu penar.

Bendito sejas tu, meu grande amigo.
Oh! pudesse eu viver sempre contigo!
Junto de ti erguer meu pobre lar!

Viana do Castelo, Agôsto de 1923.

MINHA AVÓ

Eu conheci-a já vèlhinha... Creio
teria uns oitenta anos, talvez mais!
Era um bordão de junco o seu esteio
para afincar-lhe o corpo aos vendavais!

No rosto — uma escultura tam de enleio
que as faces me par'ciam divinais —
um rosado marfim que até descreio,
encontrá-lo de novo entre os mortais!

Eram seus olhos, lâmpadas ardentes.
As mãos, canções de espuma luminosa.
Os lábios, dois rubins incandescentes.

E as bênçãos da sua alma carinhosa
sangravam tanto amor, eram tam quentes
Como o perfume do seu nome: — Rosa!

ROSA MÍSTICA

A M. B.

Cândida flor que a estrêla da alvorada
acende em chamas de um fulgor sem par!
Eu te saúdo, angélica e doirada,
princesa linda, que me vês sonhar!...

O' tam formosa, pomba idolatrada,
meu lírio de oiro num jardim de luar!
Sorriso de alva, ou pranto de levada,
nada me prende como o teu olhar!

Alma de glória, iluminada e santa,
gorgeio doce que o meu sonho canta,
mal que da noite se avizinha o dia!

Tôda és formosa! E como não?... se és pura,
se o nome teu—ó púlcrida ventura!—
é o mais formoso nome, o de Maria?!

DEPOIS DO CREPÚSCULO

Ao meu bom amigo
Mário de Sousa Menezes.

Sol-pôsto... A sombra desce. Ardem estrêlas
no azul do céu tranqüilo. A natureza
concentra-se, medita, sonha e reza:
vozes que não sabemos compreendê-las.

As árvores soluçam, e com elas
o mar solta murmúrios de tristeza.
A sombra cresce mais, e mais acesa
é a luz que esplende ao longe, nas estrêlas.

Passam como arrepios na folhagem.
Um frémito suspira e desfalece
nas sombras escondidas da paisagem.

E a treva sobe ainda. A luz é calma.
Silêncio! Mais silêncio... e adormece,
tôda embalada em sonhos, a minha alma!

Roriz, 1923.

NA ESPADELADA

Ao meu querido amigo,
João Pereira da Silva.

(Sob um vasto alpendre, lidam as espadeladeiras. De uma trave, poeirenta e defumada, pende uma candeia de bico a iluminar o recinto. Ao fundo, uma mêda de palha centeia e uma latada. Súbito, dentre o fragor das espadelas e o palrar barulhento das raparigas, destaca-se uma voz:)

Maria

Vamos cantar, raparigas,
que o cantar traz alegria.
A tristeza é irmã da noite,
a noite não quer o dia.

Rosa (no eco)

O trabalho, cantadinho,
leva o pranto e a nostalgia.

Maria (continuando)

O linho que eu espadelo,
pouco tem que espadelar.
Quem trabalha por amor,
não se cansa a trabalhar.

A tia Ana (voz roufenha)

A toutinegra não canta
como canta o rouxinol.

Uma velhota (respondendo)

Nem o luar alumia,
com a luz, como a do sol.

Rosália

O cantar das viúvinhas
E' mais triste que o das mais.
Tem soluços na garganta,
todo se desfaz em ais.

Uma viúva (no eco)

O' Rosália, à minha beira,
Por favor, não cantes mais.

Leonor (desafiando)

Vem para aqui, moleirinha,
que te quero ouvir cantar.
A tua voz é uma flauta
de muito lindo flautar!

A moleira (no eco):

Ando cheia de farinha,
não te quero enfarinhar!

Del fina:

Menina dos olhos tristes,
quem te manda entristecer?

Madalena (triste):

Uma luz que se apagou
nuns olhos que eu vi nascer.

Del fina:

Não te amofines com isso,
Não vale a pena, mulher!

Rosál'a:

Meu amor andou na guerra,
veio da guerra e venceu;
mas agora já me deixa,
por outro amor me esqueceu.

Teresa (no eco)

Há muitos homens na terra,
deixa morrer quem morreu.

Maria

O' fonte da desventura,
porque é que estás a chorar?
As mágoas também se esquecem
na alegria de cantar.

Delfina (no eco)

O vento esquece as tristezas,
quando se põe a ventar.

(Madalena respondendo):

No canto das suas ondas,
mais triste parece o mar!

Maria (interpelando):

Madalena pobrezinha!
Que te importas com o mar?
Olha o céu como está lindo!
Ele a rir, tu a chorar!

Madalena:

Meu amor anda por longe,
não sei onde o hei-de encontrar;
talvez em terras perdidas
das costas de além do mar!

Maria:

Teu amor está bem perto,
hoje, mesmo, o hás-de abraçar.

Madalena (exulta):

Senhora da Conceição,
que me vens a abençoar;
hei-de levar-te uns romeiros,
se êle ao pé de mim tornar!

A moleira (após um intervalo):

O cantar faz bem dos tristes,
não amargura ninguém...
mas eu choro quando canto,
choro, sem saber por quem.

(Escutam. O harpejo de uma viola gemebunda vem-se aproximando.

E deixam de cantar, extasiadas na sentimental melodia que as faz vibrar de amor. Daí a pouco entra um rapaz e canta):

Ó estrêla da minha alma,
água de fonte a correr!
Trago uma sêde que abrasa...
Se me desses de beber!

(Quasi silenciosas, continuam escutando. Depois de um breve intervalo, prossegue o mesmo):

Tenho o peito em labaredas,
sinto o coração a arder!
Apaga o fogo, meu anjo,
nas águas do bem querer!

Madalena (reconhecendo-o):

Ó meu amor adorado,
aqui estou p'ra te valer.

Fernando (reconhecendo-a):

Bendita seja a donzela.
formosa que não tem par!
Bendita a roseira santa
que hei-de pôr no meu pomar!

Madalena (no eco):

Benvindo seja êsse cravo,
irmãozinho do luar!

(Na serra aparece a lua em quarto minguante. Longe, ouve-se o cantar das gentes, no serão. De quando em quando, nos eirados da outra banda do rio, ao longo da serra, percebe-se o latir intermitente dos cães, aos tresnoitados que rondam os caminhos... Depois de contemplar por alguns momentos o fantástico panorama da noite, Fernando continua):

E's minha amada, mais linda
do que a luz que vem do luar.
O teu peito é um sacrário,
aonde só eu posso entrar.

Madalena (lisonjeada):

A noite traz ao seu peito
um menino a amamentar;
branquinho, da côr do leite,
formoso, como o luar.

Rosália (no eco interrompendo):

Vamos embora, que a noite
já vai longe na jornada!

Maria:

Espadela, que ainda é cêdo,
dormirás na madrugada.

Fernando:

Deixai o linho, meninas,
agora vinde bailar.
Depois do trabalho a folga,
depois da folga, deitar!

*(Madalena levanta-se, sacode os tomentos, vai para
ao pé de Fernando e canta):*

Quem tanto quer ao trabalho,
passe a noite a espadelar.

(Nisto, entra uma tocata. Rapazes com ferrinhos, harmónio, flauta, castanholas, pandeireta e cavaquinho... Alvoroadas, despegam as espadeladeiras, fazem roda e entram a dançar. Madalena, canta no tom da «Caninha Verde»):

Ó minha Caninha Verde,
sempre verde, sem murchar,
Assim o amor no meu peito
hás-de ouvi-la palpitar!

Fernando:

Tu és para mim a esp'rança,
no meu triste caminhar.
E's o farol que alumia
o nauta que anda no mar!

Côro:

A alegria dá saúde,
à alma e ao coração.
Não há nada mais alegre
do que este manjericão.

Um rapaz:

Vá, meninas, vá, meninas,
vá de roda e caminhar.
Quem não canta, por tristeza,
cante para a aliviar.

Rosália:

A luz dos teus olhos brilha,
como o sol pela manhã.
Do jasmim e da açucena,
é a tua virtude irmã.

O mesmo (no eco):

Quem me dera dar-te um beijo
nêsses lábios de romã.

João:

Cantai, doces andorinhas,
que é chegada a Primavera.
O doidinho do verão
já bem perto nos espera!...

Madalena:

Meu amor, vais no meu peito,
nêle vai tôda a alegria.
Boa noite, o luar vai alto.
Tanta luz! E' quasi dia!

Fernando:

Adeus, minha pomba branca,
cravinho de S. João!
Vais-me aqui dentro do peito
sôbre o altar do coração.

Côro de raparigas:

S. João, bendito seja,
que nos trouxe a esta folia
os craveiros mais garridos
que há por tôda a freguesia.

Côro de rapazes (respondendo):

Á espadelada galante,
da quinta do Laranjal,
vieram as mais lindas rosas
dos jardins de Portugal!

(Finda o baile. Após uma frugal comida, dispersam em grupos, cada moço com a sua cachopa, além, pelos caminhos luarentos da aldeia adormecida).

JESUS

Ao meu amigo e mestre,
o Poeta Padre Joaquim Capela.

Andava nos caminhos praticando
a caridade aos cegos e aos doentes.
E ensinava em parábolas ardentes,
a doutrina de Deus, Pai Venerando.

Assim que Êle falava, irradiando
dos seus olhos clarões resplandecentes,
vinham as meigas pombas, das vertentes
correndo pressurosas, bando a bando.

Nos lagos, no caminho e ao pé das fontes,
prêgava a lei do Amor; corria os montes,
com seu rebanho de almas 'té ao mar!

Mas tudo o que fazia, o bom Jesus,
atribuía a seu Pai e ardendo em luz
clamava: a Êle só, cumpre adorar!

A FIANDEIRA

Aos Poetas de Portugal.

É gentil e formosa a fiandeira;
— um mimo excepcional de arquitectura! —
Seu rosto é como esplêndida roseira
onde o carmim ressalta na brancura.

Tem uns olhos azuis de feiticeira
em que a chama do amor arde e fulgura.
Os lábios, são talhados de maneira
que o rosto é a encarnação da formosura!

Seu corpo, é uma escultura surpreendente,
onde as linhas contornam de tal graça
que se fica pasmada ao vê-lo a gente!

O' poetas, meus irmãos, se a tinta é escassa,
¿Como hei-de eu desenhar-vos nobremente
essa beleza ideal, a flor da raça?

Roriz, Agôsto de 1923.

EVOCAÇÃO

Ao meu Primo
Arnaldo Alpuim S. Menezes

Por sôbre o manto claro da paisagem,
 esplende um luar de neve...
A terra sonha, aos cânticos da aragem,
 que a embala, fresca e leve.

E a serra, no silêncio das distâncias,
 erguida para o céu,
embriaga-se no mel das mil fragrâncias,
 que vêm do seio teu.

Lá em cima, entre as estrêlas diamantinas
 —rebanhos sem pastor—
anda desfeito em chamas peregrinas
 o sol do teu amor!

Os murmúrios que o Mar de longe embala,
 do vento os mil gemidos,
lembram-me a doce voz da tua fala
 soando a meus ouvidos!

E as lágrimas que tombam sôbre os prados,
neste oceano de escolhos,
são as que sôbre o fel dos meus pecados
borbulham dos teus olhos!

Fugiste-me, divina Aparição?
Quem te afastou de mim?
¿Porque me sepultaste o coração,
num tormento sem fim?

¿E porque me deixaste órfão de amor
nos dias do porvir?...
¿E adeus nem me disseste, ó pura flor,
na vesp'ra de partir!...

Não foi por mal, eu sei. Não te deixaram
cumprir êsse dever.
Mas pelo que os teus olhos me choraram,
perdôo-te, mulher!

Perdôo-te. E se um dia o teu sorriso
eu defrontar nos céus,
por tôda a paz e amor do Paraíso
eu bendirei a Deus!

.

... Nas tôrres do mosteiro as horas soam
pausada e longamente...
E os ecos despertados brando entoam
baladas na vertente!

No val' soluça e chora o casto Lima,
seu pranto de ansiedade.
E dentro da minha alma o verso rima,
estrofes de Saudade!

Mas eu sei que morreste e que é desfeito
o sonho da ventura;
que dentro do sacrário do meu peito
é noite de amargura!

Bem sei que já não vives, que a beleza
da tua alma sem par
subiu ao céu, e lá se ficou prêsa
p'ra nunca mais voltar!

Oh! sei que os olhos teus nunca mais vejo,
nem teu perfil de santa!
Que nunca mais escuto o suave harpejo
da virginal garganta!

Que nunca as tuas mãos—lírios de neve—
beijarei, nunca mais!
E que êsse lindo sonho...—A vida é breve—
hei-de sonhar jàmais!

Mas, anjo meu do céu, embora o mundo
me cinja a fronte de oiro e de esplendor,
eu nunca olvidarei o amor profundo,
o teu sagrado Amor!

Ponte do Lima, Setembro de 1923.

NUM ÁLBUM

Para aqueles que na vida
só de mágoas se mantêm,
não há nada, ai! não há nada,
como um Coração de Mãe!

MANHÃS DE OUTONO

Ao Rev. António Alberto Barbosa.

Ao longo dos caminhos tortuosos
ranchos de lavradeiras vão passando:
como rôlas que passam volitando
nalgum rumo de sonhos deleitosos.

Atrás na procissão, lamuriosos,
seguem carros de bois, de quando em quando.
E pelo azul serêno, bando a bando,
fogem legiões de corvos tumultuosos.

À chaminé das casas caiadinhas,
sobem rolos de fumo das cozinhas,
e em rendas se evaporam, a ondular...

Nas eiras, com o ancinho, as raparigas
arrastam para o sol montes de espigas,
e outras descem às fontes, a cantar!

Roriz, 1923.

EXTÁTICA

Ao mimoso Poeta
Tomás Ribeiro Colaço.

Horas do pôr do sol... Divinamente,
os sinos tângem lentas melodias.
E Ela à varanda, com o olhar no poente,
parece absorta em fundas nostalgias.

Na mão esquerda, a face alvinitente
descai num tom de mágoa: O noivo, há dias,
saíu para o Brazil — di-lo a gente —
e foram-se com êle as alegrias!

Trabalha o dia inteiro. Não descansa.
Ao vir a noite, exausta, sem esp'rança
corre à janela, a ver o azul sem fim...

Um êxtase de sonho e de beleza!
Olhos no mar... a casta pomba reza...
Piedosa virgem! Como é bela assim!

O SABUGUEIRO

A meu irmão
António Bezerra d'Azevedo.

Vi-o plantar. Uma haste pequenina,
de um outro sabugueiro, adolescente.

E como o grão germina,
e cresce para a luz, confiadamente,
assim êle cresceu.

Mais tarde, quando o vi no meu regresso,
era já tam subido e tam medrado,
tam forte e tam espesso
de vírida folhagem, que o eirado
me parecia um céu!

Chegara o terno Abril! Então, foi vê-lo
medrar de tal ventura e tal pujança,
que era um verde castelo
trepando em seu fulgor, cheio de esp'rança,
em busca do Ideal!

.
As aves da campina, ao sol da aurora,
vêm-lhe cantar nos ramos suavemente,
tal como quem namora.
E à tarde, quando o sol cai no poente,
ali choram seu mal.

E quando a luz o abraça de esplendores,
à hora sacrossanta do Meio-dia,
 todo se abre de flores
num perfume que adoça e que alivia,
 da vida o negro fel!

E as lúcidas abelhas zumbidoras,
Em doirados enxames se lhe pousam
 nas umbelas. Traidoras
que vão roubar-lhe a graça, porque ousam
 beber-lhe o claro mel.

O verde sabugueiro, ingénuo e casto,
cresceu com desassombro, não secou;
 e nem se vê já rasto
da vara pequenina que vingou,
 sem ninguém a tratar.

Assim a alma tenra e luminosa
cresce e expande a virtude em seu caminho,
 se é pura como a rosa
e Deus lhe dá na graça e no carinho
 asas para voar!

Roriz, Agosto de 1923.

VIZELINAS

Ao meu amigo e poeta
António Barros Ferreira

Eu vi-as em seus campos, entre o feno,
curvadas pela cinta, a foicejar.
E vi-as — andar rítmico e sereno —
ao longo das estradas a cantar!

Vi-as nas margens verdes do ameno
rio que chora mágoas sob o luar...
Umas, rosto em marfim, noutras moreno;
ligeiras como espumas a voar...

Pelos jardins as vi... ao pé das fontes,
a abrir no oceano azul dos horizontes
a estrada dos seus coros peregrinos.

Que olhos de tentação, Senhor, meu Deus!
astros talvez que um dia, além, dos céus
caíram em seus corpos florentinos!

Vizela, Maio de 1923.

MARIA



A M. B.

Eis o nome sagrado e mais formoso
que Deus em seu amor pôde inventar.
Dizê-lo! ¿quem o disse sem que um gôzo
lhe viesse o coração deliciar?

Se ainda quisesa Deus Todo-Pod'roso
outro mais lindo nome assinalar,
com todo o seu poder maravilhoso,
eu sei que o não havia de encontrar!

Nome que tem perfume e harmonia,
outro não há que vença o de Maria,
desde os confins do mundo até ao céu!

Tem a música ideal dos passarinhos,
e é leve como a sêda dos arminhos,
ó meu bendito Amor, o nome teu!

Guimarães, 1923.

NA FONTE DOS AMORES

A meu Tio
Aquiles Barbosa do Couto Azevedo.

—Dá-me de beber, menina?
Que daninha sêde eu trago!
—Quanta queira, senhor meu;
—disse-lhe ela em voz de afago,—

—Vem de longe, ao que parece?...
—De bem longe, meiga flor.
—E tam suado!... Cautela!
A água é fria...
—Que calor!

Ó galante pucarinha,
que mãos de anjo a vão encher!
Quero-a cheínha...

—Cheínha?
—Parece que estou a arder!

—Mas... Jesus! Vem tam suado!
Tenho mêdo de lha dar...
—Mas porquê? Não me faz mal,
que eu já principio a andar!

— Então aí vai...

— Que fresquinha!

Dá-me saúde e proveito,
Lembro-me que esta àguazinha,
lhe saiu dentro do peito!

(Ela disfarçando):

— A água da nossa fonte
Nasce ao pé de um salgueiral.
E' saborosa e tam fina
que, dizem, não tem igual.

(Ele depois de beber pela 2.^a vez):

— Ora aí tem. Muito obrigado.

— Se quiser mais, está ali...

— Obrigado, princezinha,
já me basta a que bebi.

Em paga da sua graça,
vou encher-lhe a cantarinha.
— Ai! Senhor, pode cair
nos degraus desta escadinha!

— Não caio; não tenha medo,
que eu sei-me bem segurar.

— A's vezes o mais seguro...

— Vai a terra sem contar.

Ponho-lha agora à cabeça?
Como a quer?

— Vai bem assim.
Mas diga-me, por favor,
que quiere o senhor de mim?

(Finge-se desintendido e olhando-a com ternura diz):

— Que perfil tam delicado!
Que lindos olhos, meu Deus!
Mais do que mulher da terra,
eis um arcanjo dos céus!

(Ela humildemente):

— Há mais lindas raparigas
por êsses mundos além...
— Com êsse riso tam doce?
ó bela! não há ninguém!

— Bem sabe: sou pobrezinha,
nada tenho que lhe dar.

— Tem êsses lábios de sêda
e um corpinho de encantar!

— Senhor, não diga mentiras,
que é pecado assim falar...

— E' verdade o que lhe digo.
Eu não costumo brincar,

—Ai! vou-me embora, que é tarde,
não me posso demorar.
Falaremos outro dia
que o senhor torne a passar.

—Mas, olhe cá. E se eu fôsse
acompanhá-la a seu par?

—Mas porque há-de por meu gosto
seu caminho dilatar?

—Por seu amor, que me custa
outro rumo demandar?
Não é verdade que a Roma
qualquer caminho vai dar?

—Pois venha, senhor. Ao certo,
só me dá honra e prazer.
«Mas o que mais me arreceio»
é que se venha a perder.

—Um homem... nunca se perde!
mas se isto lhe acontecer,
mais tarde ou mais cedo encontra
caminho do seu saber!

E onde é que mora a menina?
— Vê lá diante uma figueira?
Pois a casa ao lado, é nossa,
a que está junto da eira!

Lá vêm as pombas voando,
brancas, leves como a espuma;
dezasseis podem contar-se,
tôdas novas, menos uma.

No lameiro andam as vacas
e os carneiros a pastar;
aquela que anda mais longe,
veio há dias de comprar.

Olhe as nossas oliveiras
como estão carregadinhas...
Como são grandes, perfeitos,
os cachos das nossas vinhas!

Acolá é a escola nova
onde aprendemos a ler.
Por detrás, naquele outeiro,
é a quinta do Xavier.

E a igreja, tam caiadinha
que parece de luar,
vê-se entre dois castanheiros
como um sonho a despontar!

Mais lá fora, passa a estrada
com freixos de par a par.
Não é linda a nossa terra?
Não lhe parece um pomar?

—E' um encanto, na verdade!
—Outra ainda não viu assim?
—Isto é um ninho de alvas rôlas,
cujas pênas são marfim!

...E aquela casa sombria
com varandas de tristeza?
Será palácio de moiros,
ou solar de alta nobreza?

— Aquela casa é duns condes
que andam na Espanha fugidos.
Quem por lá passa de noite,
diz que ouve grandes gemidos!...

Se é verdade, ou se é mentira,
não lho posso garantir;
nunca a—desoras lá passo,
com receio de os ouvir...

Também naquele castelo,
que se vê no alto da serra,
dizem que vive uma fada
de olhos negros como a terra!

E que alta noite, lá em cima,
se ouve em lúgubre chorar;
por uma irmã que um gigante,
lhe levou p'ra além do mar!

Mas isto afinal são ditos
que eu não quero acreditar;
porque ainda não vi a fada,
nem a rir, nem a chorar!

Demais o padre, na igreja,
diz que é perfeita loucura
dar fé a contos de bruxas
de quem não reza a Escritura.

E por isso, embora tenha
mêdo de passar por lá,
eu digo que só o diabo
é no mundo coisa má.

— E bem diz; mas pode ser
que o diabo lá se acoite,
e meta susto a quem venha
pela escuridão da noite.

— Isso não sei... pode ser.
E o senhor diz-me que é?

— Não, menina, são crendices
que não nos merecem fé.

Coisas que o povo levanta
por vício de murmurar,
não têm crédito seguro,
é para ter que falar.

Às vezes a voz do vento,
desgarrada entre choupais...
faz dizer que do outro mundo
são almas penando, aos ais!

Uma sombra no caminho,
Tristemente a flutuar,
é uma bruxa, ou feiticeira
que nos pode enfeitiçar.

Qualquer luz bruxuleante
que se aviste na montanha
deve ser um lobis-homem
de olhar vesgo e força estranha!

E um cartaz batendo os muros
da igreja ou de algum convento,
é a alma de um vagabundo
que morreu sem sacramento.

Em noite escura de inverno,
ao fragor do vendaval,
brigam fantasmas horrendos.
— os espíritos do mal! —

Mas por fim são tantas coisas,
tanta mentira em corrente,
que até pessoas sensatas
fazem fé com outra gente!

Olhe: Há dias numa casa
de gente bem ilustrada,
afirmaram-me que viram
de noite, uma alma penada!....

E saiba que ainda por cima,
me disseram, muito a sério:
que viram bailar os mortos
nas campas do cemitério!

—Ui! que medo! E isso é verdade?
—Qual verdade?! E' sugestão!
São visões que nós criamos
em nossa imaginação.

.

—Agora por muito custo
vamo-nos desapartar.
—Ora adeus! não tenha pressa.
—Não que me podem ralhar...
mas quando o senhor quiser,
pode por aquí tornar!....

—Mas escute... Uma palavra!
Não seja, por Deus, ruim!
—Que é que me quer o senhor?
O que pretende de mim?

- O que pretendo?... Bem sabe...
— Eu, senhor?! Olhe que não!
— Pretendo...
 — Diga sem medo
— Pretendo o seu coração!

— Se o senhor me der o seu...
eu não lhe direi que não!
— Já lho havia consagrado,
desde a sua aparição.

...Ai! Jesus, vou-me depressa;
mais, não me posso deter.
— Então adeus, minha flor.
 — Adeusinho até mais ver!

Roriz, Setembro de 1923.

EPIGRAMA

Puseste-te ao espelho e eras linda;
mas, vê lá tu, vê que infeliz ideia!
Para que fôsses mais formosa ainda
tanto te viste que ficaste feia.

NOITES DE INVERNO

Ao prezado amigo
P. Arménio de Faria Brito.

Ardem brasas na lareira
—vozes do lume a cantar!—
Tange o fuso a fiandeira,
anda o bercinho a embalar!

O linho novo da leira,
—tranças de oiro a ennovelar,—
desanda na dobadeira
com vontade de falar!...

Reza-se o têrço, depois
jogam-se cartas a dois,
e às vezes lê-se o jornal.

Sorridente, a Mãe faz meia;
e a Avòzinha em voz que enleia
conta histórias do Natal!

AGUARELA

Ao grande pintor: Abel Cardoso.

Lá em baixo, aonde o rio entre arvoredos
galga, cuspindo os juncos marginais,
batem as lavadeiras seus bragais,
na pedra esconsa e gasta dos penedos.

Adiante, meio oculto entre folhedos
da rama dos salgueiros e choupais,
assoma um velho moinho, sem beirais,
—a casa dos fantasmas e bruxedos!—

Eu frente, um jumentinho com fornadas,
arrasta-se nas lágeas esfarpadas
da íngreme vereda em caracol.

E aos lados do caminho, nas torgueiras,
estendem seus lençóis as lavadeiras
branquinhos de luar, còrando ao sol.

Roriz, 1923,

«O TIO JOÃO ANTÓNIO»

Ao meu amigo
Damásio António Bruno.

Ele aí vai para a venda, alegremente,
quási perdido já... a cambalear.
Afroixam-se-lhe as pernas; a falar,
só o taberneiro o entende e faz contente.

Tira-lhe uma «canada» e de repente
emborca-a o «tio João», sem descansar!
— Alguns dizem do lado: — «Que lagar!»
— «Ele ainda bebe mais que o Zé Valente».

— «Lá vai outra, qu'reis ver? Eu bem dizia!»
Desde o romper do sol ao fim do dia
nenhuma coisa mais lhe dá sentido».

E o «tio João António» sem mais nada,
despeja heròicamente a outra «canada»
e vai-se a resmungar que era fervido!

NA ALDEIA

Ao Rev. Alexandrino José Leituga,

Tocam sinos: Senhor fora!
Lá vai a gente a cantar.
soluça ao longe uma nora;
mais longe, retrôa o mar!

Mãos direitas, campos fora,
tudo se ajoelha ao passar;
— «Que o Senhor em bôa hora
vá nosso irmão consolar!»

Á tarde, já no sol poente,
ouviu-se um dobrar plangente,
sinal de morte e paixão.

E em casa, a cada mãe, ouço:
— «Rezemos um Padre-Nosso,
pela alma do nosso irmão!»

Roriz, 1923.

FÉ

Ao bondoso amigo
Rev. P.^e João Cândido da Silva.

Em noites virginais de primavera,
quedo-me a contemplar, do meu jardim,
êsses milhões de luzes que na esfera
derramam claridades sôbre mim.

E lembro-me — seis anos! quando eu era,
menino da candura de um jasmim! —
minha Mãe da janela me dissera:
que eram terras de além, mundos sem fim!

Hoje, elevando o espírito às alturas
onde os astros esplendem rutilantes,
eu creio no Alto Ser que está nos céus!

O' Santa dentre as santas creaturas!
a minha fé não morre e como dantes,
eu amo a religião, eu creio em Deus!

Roriz, 1923.

O PINHEIRO SOLITÁRIO

Ao meu amigo
P.^e Manuel Félix Ribeiro.

A meio de uma encosta abandonada
onde a urze vegeta escassamente,
frondeja, enorme e altivo, na esplanada,
êsse gigante estranho, à luz do poente.

Velhinho. O corpo em rugas. Desmaiada
a fronte sobranceira e complacente.
Os séculos voaram na rajada,
e êle ficou em pé, firme e valente.

Monarca das montanhas diz-me ao ouvido
que destroçou o ímpeto incontido
das vagas do aquilão tumultuário.

Em vão o açoita a fúria audaz do vento!
Em vão! O grande atleta corpulento
ganhou fama de eterno legionário!

Corrilhã, 1923.

A FONTE

Ao meu generoso amigo
Rev. José Rios Novais

Águas mansas, leveirinhas,
que a fonte manda ao pomar;
são tal qual as andorinhas,
na pressa do seu andar...

Se a fôlha tenra das vinhas
principia a definhar,
ei-la: vai às carreirinhas
para as sêdes lhe matar,

Foi há pouco um rio de água,
mas agora, o fogo, a mágua,
quási a fizeram perder...

E lá vai num fio de oiro,
a água que é o meu tesoiro,
a água que hei-de beber!

Roriz, 1923.

AMOR SUPREMO

Ao Ex.^{mo} Senhor João Duarte.

Amava-o com ternura. Mas um dia
veio roubar-lho a morte cruelmente.
E, desde então saudosa, não dormia
e chorava de dor continuamente.

Em vez de resignar-se, entristecia.
Não falava a ninguém, e tôda a gente
ao vê-la desolada e tam sombria,
lhe adivinhava a morte brevemente.

Debalde a acarinhavam, com doçura.
Transfigurada e triste na amargura,
sòmente as mãos erguia para o céu!

Chorava... e foi tam viva essa paixão,
que perdendo do mundo a compreensão
mártir de um triste amor, endoideceu!

Roriz, 1923.

MEIA NOITE

Ao distinto pintor: Abel Mendes

Meia noite: Nos claustros do convento
a procissão coral vai a passar:
são vultos de olhar pálido e nevoento,
são espectros de sombra e de luar!

Vem desfilando a passo o regimento,
marchando silencioso, devagar...
Um sino acorda as praias, sonolento,
Acorda e logo volta a dormir!

E êsses fantasmas brancos, côr da neve,
perpassam gravemente, silenciosos,
na penumbra espectral dos corredores...

Lá fora no jardim, fagueira e leve,
a brisa entoa a coros voluptuosos
um cântico de nupcias e de amores!

Guimarães, Maio de 1924.

ORAÇÃO

Ao meu excelente amigo
Dr. Matos Graça

Senhor! Deus! Pelas estrêlas
que no azul vejo brilhar,
pelas boninas singelas,
pelas brasas do meu lar...

Pelas paisagens tam belas
que ora estou a contemplar,
pelos gritos das procelas,
pelos ímpetos do mar...

Pela harmonia infinita,
onde a Tua Mão palpita
desde o sol à terra em flor...

Por tudo, meu Deus, te adoro:
por tudo por que te imploro,
por tudo de que és Senhor!

Guimarães, 1923.

CRIANÇAS

Para os meninos da Minha Terra.

Pombas que arrulham nos beirais, na aurora,
vinde-as ouvir aqui sôbre os caminhos,
numa alegria suave que avigora,
a alma dilacerada nos espinhos.

Que bem me faz, Senhor, êste descanso
de as ver saltar nas relvas, ofegantes!
Então parece-me que breve alcanço
sombras da minha vida, já distantes!...

Parece-me que vejo, além da bruma
um sonho a levantar-se resplendente!
Asas da minha infância, são de espuma...
Lá vão correndo às praias do ocidente!

E ante os meus olhos mortos da Saudade,
e ante os meus olhos cegos de chorar,
elas, correm no azul da imensidade
e afogam-se nas vagas do alto mar!

Sôbre os negros destroços fumegantes
dos mil castelos de oiro que eu sonhei,
vejo apenas espectros delirantes
às varandas do paço onde fui rei!

.

Crianças da minha alma! Leda infância
que se dilui nas brumas do Passado...
Saudades da candura e da fragrância
que exalavam os lírios do valado!

Saudades das manhãs em que nos campos,
corria atrás das lindas borboletas;
de quando ia apanhar os pirilampos,
na borda dos caminhos, às valetas!

Saudades dessas horas peregrinas,
das horas do sol quente, entre os centeios;
do canto das cigarras libertinas,
dos meus cem mil e trinta e quatro anseios!

Ó tempos de Saudade e de ventura,
ó tardes de inocência, onde é que estais?
— Bateu asas de treva a noite escura,
e a infância, a clara luz, não voltou mais!

...Crianças, quem me dera a vossa graça,
tornar ainda uma vez à vossa idade!
Quem me dera libar da mesma taça
o doce e claro mel da f'licidade!

Quem me dera convosco ingènuamente,
brincar junto da estrada, entre a poeira!
Fazer casas de terra, exactamente,
como hoje as vi fazer à minha beira!

Ir aos ninhos, talvez, mas com certeza
não fazer mal nenhum aos passarinhos.
Ir convosco aos penedos da Reprêsa,
e fabricar de paus toscos moinhos!

Montar sôbre um cavalo — um pau comprido —
e contente viajar terras sem fim...
jogar às escondidas, ou despido
tomar banho no rio de Mondim!

Correr pelas campinas orvalhadas
com as rôlas que voam sob os céus!
Beber o sol gentil das madrugadas,
fonte de vida e luz, alma de Deus!

Convosco, ó meus irmãos, andar aos grilos
na várzea incendeada em resplendores...
fazer coroas de oiro dos pampilos,
fazer do vosso amor, os meus amores!

Ir para a Escola, assim todos os dias,
naquele anseio lindo e salutar:
de escutar as benditas harmonias,
de aprender a escrever, ler e contar!

Ó tempos da Saudade e da Ventura,
ó tempos da inocência, onde é que estais?
—Sacode asas de treva a noite escura,
e a infância, a clara luz, não volta mais!

Ó pombas, que na calma dos poentes,
correis alvoroçadas ao pombal!
Saudai as criancinhas inocentes,
beijai os querúbins de Portugal!

A M. B.

Se a Esp'rança alguma vez me consolou,
se a luz fulgiu radiosa em meu caminho,
e o perfume da graça e do carinho
a minha alma dorida confortou...

Se o bálsamo divino de um sorriso,
ungiu meu torturado coração,
e as mágoas se fundiram ao clarão
dêsse formoso sol do paraíso,

se a alegria das horas, complacente
embalou meu espírito de agrado,
e o sonho meu gentil de enamorado,
embalsamou de luz, piedosamente...

Se o mar revolto e aflito da minha alma,
suas ondas de súbito rendeu,
e uma onda de paz serena e calma,
se derramou em mim, vinda do céu...

Ó anjo divinal, meu bem querido,
eu lembro-me do bem de que hei fruído:
Foi a luz redentora dos teus olhos
teu coração piedoso e quasi santo,
quem dissipou êste oceano de escolhos,
e me enxugou as lágrimas do pranto!

Guimarães, 1923.

LAUS DEO SUPERNAE TRINITATI

INDICE

	Pág.
À laia de Prefácio	5
Duas Palavras	9
Dedicatória	13
M. B.	15
Introito	17
A meus pais	18
Caminhos	19
Desiludida	25
Saudade	26
Os Sinos	30
Ao Mar	31
Minha Avó	32
Rosa Mística	33
Depois do Crepúsculo	34
Na Espadelada	35
Jesus	45
A Fiandeira	46
Evocação	47
Num Album	50
Manhãs de Outono	51
Extática	52
O Sabugueiro	53
Vizelinas	55
Maria	56
Na Fonte dos Amores	57
Epigrama	67
Noites de Inverno	68
Aquarela	69
O Tio João António	70
Na Aldeia	71
Fé	72
O Pinheiro Solitário	73
A Fonte	74
Amor Supremo	75
Meia Noite	76
Oração	77
Crianças	78
A M. B.	82

Erratas

Na revisão das provas dêste livro passaram algumas incorrecções, das quais apontamos as mais importantes. Outras, que porventura escapassem, corrigi-las há o leitor sem dificuldade.

Pág. 10, linha 18—	volatizam-se...	leia-se volatilizam-se
» 18, »	7—em que palpita	» em quem palpita
» 22, »	12—e de luz	» e luz
» 39, »	15—bem dos tristes	» bem aos tristes
» 42, »	18—ouvi-la palpitar	» ouvi-lo palpitar
» 69, »	11—Eu frente.....	» Em frente



biblioteca
municipal
barcelos



2339

Névoas da madrugada